

Em defesa da universidade pública

Ao referir-se à grande paixão de sua vida—a poesia—o poeta Cruz e Sousa escrevia “Ó, meu orgulho; Ó, meu tormento; Ó, meu vinho”. Para nós, professores universitários, o grande poema nacional é a universidade—a nossa paixão. A universidade é o nosso orgulho, o nosso tormento e o nosso vinho. Orgulhamo-nos dela, sofremos por ela e, queiramos ou não, nos embebedamos dela—isto após tantas tentativas de negar a sua beleza e utilidade.

Orgulhamo-nos quando vemos, ano após ano, nossos estudantes crescendo como cidadãos livres, como profissionais qualificados, ocupando espaços sociais importantes e tornando-se lideranças nas comunidades em que passam a viver. Orgulhamo-nos ao poder vincular as atividades de ensino, pesquisa e extensão ao atendimento médico, dentário, jurídico, psicológico gratuito às populações carentes. Orgulhamo-nos quando vemos a universidade posta a serviço da vida, repovoando os rios, os mares, os lagos, colocando comunidades inteiras diante de novas alternativas de vida. Orgulhamo-nos quando a universidade resgata o patrimônio cultural dos estados, a sua literatura, a sua arte, a sua história, a sua experiência coletiva e passada, ajudando a definir o que somos e o que queremos ser. Orgulhamo-nos quando a universidade supera as questões paroquiais e corporativas e se engaja na luta maior pela proteção da vida no planeta. Orgulhamo-nos, enfim, quando a universidade vive a plenitude do credo que a construiu—a busca da arte, da ciência e da justiça, do belo, do verdadeiro e do justo, percebendo-se como uma instituição criada pela sociedade para que a sociedade possa melhor ajudar-se a si própria.

O orgulho, porém, vem muitas vezes acompanhado por verdadeiros tormentos: nos laboratórios de ensino que envelhecem, sem socorro; nas licenciaturas que se esvaziam, desamparadas; nos doutores que fogem da graduação, desestimulados; nas bibliotecas que não são atualizadas. Por tudo isso sofremos. Sofremos também com as aposentadorias precoces; com a expansão reprimida; com a desmotivação de estudantes, professores e servidores, com o corporativismo, com as resistências à avaliação, com os baixos salários, com as difíceis condições de trabalho, com a incerteza sobre o amanhã e a fantasia Orwelliana a nos falar de abundância. Sofremos com a pressa e a lentidão de Brasília: a pressa para trocar ministros e asses-

sores (foram 14 ministros e 23 Secretários de Educação Superior em 20 anos), a pressa em acabar com programas já construídos, e a lentidão, a terrível lentidão para repassar recursos e colocar algo no lugar do que foi tirado. Este é o nosso tormento.

E porque a universidade é também o nosso vinho, a nossa cachaça, o nosso vício, não conseguimos não discutir hoje as suas perspectivas no contexto da sociedade brasileira. Estão aí, à mão, os dados nacionais de evasão que nos envergonham, lado a lado com as comparações internacionais a nos mostrar que ainda não aprendemos a investir em educação; está aí, já revisado e revestido, o projeto de autonomia; estão aí os pós-secundários profissionalizantes competindo com os recursos das universidades; estão aí as licenciaturas, cada vez mais esvaziadas; está posta, enfim, uma nova e difícil relação entre governo e as universidades. É nosso vício, é nosso dever de professores e cidadãos exigir que propostas sejam feitas, apresentadas e discutidas. Queremos propostas que possam levar à construção de programas articulados, academicamente bem definidos, politicamente legitimados—programas continuados que deixem clara a nossa compreensão de que os rumos da universidade não podem ser ditados pela inércia ou por caprichos administrativos de grupos isolados e efêmeros. A universidade requer programas cuidadosamente e coletivamente construídos. Nossas autoridades precisam tomar decisões abalizadas e bem informadas, ouvindo os que conduzem o dia a dia da universidade, para que daqui a alguns anos, a nação não descubra que embarcou no trem errado.

Há muitos anos, no Brasil, estão tentando, sem êxito, provar que as universidades, em especial as públicas, são desnecessárias, inúteis, improdutivas e supérfluas. Sempre, de novo, ressurgem orientações economicistas que nos querem subservientes, escravos do presente e sem sonhos. Não percebem que universidades de verdade precisam, embora ancoradas no presente e no existente, ocupar-se também do futuro e do que ainda não existe. É assim, por questões imediatistas, propõem demolir, por inteiro, o edifício acadêmico, sem perceber quão profundamente estão a ferir a própria alma da nação. Fica cada vez mais evidente que a universidade só estará a salvo enquanto puder contar com este verdadeiro exército de abnegados que hoje se entrincheiram em sua defesa. São apaixonados que, como Cruz e Sousa,

depois de tantos anos de dificuldades e ameaças, insistem em dizer, num misto de esperança e de tristeza: “universidade—ó, meu orgulho; ó, meu tormento; ó, meu vinho!”

O CIPEDES vem, portanto, somar-se aos esforços dos que hoje saem em defesa da universidade pública, consciente do risco que corre este que é um dos nossos maiores patrimônios nacionais. É este o sentido que explica nosso apoio expresso ao manifesto “Por Uma Reforma Urgente para Salvar a Universidade Pública Brasileira. Diante da crise sem precedentes hoje vivida pela universidade pública, entendemos que é necessário congregarmos os esforços de todos os que, pelo seu reconhecido mérito acadêmico e pelo seu envolvimento pessoal com os destinos da universidade, se empenham na busca de alternativas para a construção de um futuro melhor para a

educação superior pública. Foi com este intuito que decidimos nos manifestar publicamente em apoio ao teor do manifesto do “Grupo de Defesa da Universidade Pública”. Embora o texto pudesse ser objeto de críticas parciais ou discordâncias específicas, o seu teor e o seu esforço de aglutinação em torno da defesa da universidade pública convergem com a posição que temos defendido. É esta, portanto, a razão pela qual publicamos a seguir, na íntegra, para o conhecimento de nossos leitores, o texto do Manifesto bem como as razões que nos levaram a apoiá-lo.

Florianópolis, julho de 1998.

Dilvo I. Ristoff

Secretário Executivo do CIPEDES
Professor da UFSC